

Plano Real venceu no primeiro turno

MONICA TORRES MAIA

O Plano Real foi o grande cabo eleitoral de Fernando Henrique Cardoso. Mas o tucano venceria a eleição de qualquer maneira, enfrentando Lula num acirrado segundo turno. A previsão foi feita ontem pelo diretor-executivo do Ibope, Carlos Augusto Montenegro, sem poupar os adversários do virtual presidente. Os estrategistas de Lula erraram feio quando bateram num plano que conta com alto índice de popularidade, criticou. Leonel Brizola se saiu muito mal — Enéas teve o dobro de sua votação — porque sofreu desgastes no Governo:

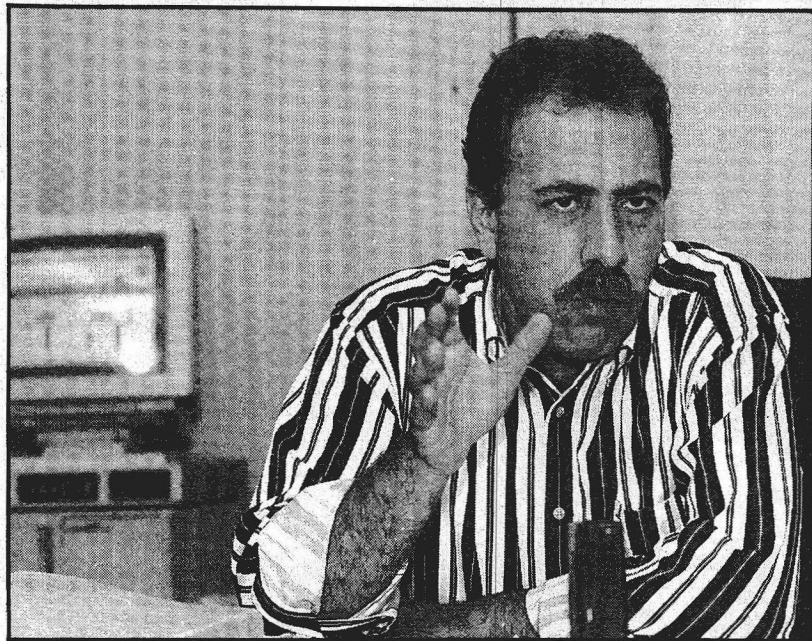
— Deveria ter ido antes para o Congresso. Não sei se terá ânimo para voltar.

O Brasil que votou em Enéas tem duas caras: a do protesto e a da ultradireita, apontou. Os elogios, guardou para o eleitor:

— O povo vem aprendendo a duras penas, mas está muito amadurecido e dando uma aula de política aos formadores de opinião, aos intelectuais, a todo mundo.

Dormindo pouco e mal nos últimos meses — “a ansiedade é enorme” —, Montenegro só tomou um tipo de calmante nesta eleição: o Botafogo. O melhor remédio para as abstenções que assolaram o país.

Ricardo Leoni/19-08-94



« Só o tempo dirá se o fisiologismo acabou »

O GLOBO — Quem venceu a eleição? O Plano Real ou o candidato?

CARLOS AUGUSTO MONTENEGRO — O real ajudou muito. Se não existisse, teríamos um 2º turno muito mais acirrado. Mas, mesmo assim, o presidente seria Fernando Henrique. O plano foi um grande eleitor porque trouxe a sonhada estabilidade que o povo quer e porque os adversários erraram a estratégia ao criticá-lo. Na verdade, estavam criticando a torcida, o sonho do brasileiro: 82% dos eleitores estavam a favor do plano.

O GLOBO — Por que o número de votos nulos e em branco foi maior do que em 89?

MONTENEGRO — Em 1989 ha-

via uma motivação maior: o eleitorado não votava para presidente há 30 anos e a abstenção ficou em torno de 10%. Esta eleição foi mais fria. As pessoas não estão motivadas com a classe política: torcem pelo Brasil, mas sem paixão. Agora, a abstenção pode ficar em torno de 18%.

O GLOBO — Quais os índices de eleitores que não votaram em parlamentares?

MONTENEGRO — Se somarmos os 18% de abstenção com mais 40% de votos em branco e nulos, chegaremos à cifra de 50% a 58% das pessoas que não assinalaram um nome. Ou seja, cerca de 45 milhões não assinalaram um nome para deputado federal. Embora o Senado sofra menos do que a Câmara, porque

você não tem que escrever o nome, eu diria que no Senado devia ter 190 milhões de votos. Talvez tenha só 100 milhões: um Brasil inteiro deixou de votar na segunda vaga.

O GLOBO — Qual será a base de sustentação de FH?

MONTENEGRO — Seus aliados ganharão em São Paulo, Minas, Bahia, Rio Grande do Sul e Ceará. Para o Congresso se elegerá um sexto de pessoas mais radicais. O resto dependerá de composição. Negociar será preciso, mas certamente Fernando Henrique terá mais facilidade do que Collor em 1989: a aliança PSDB-PFL fará um terço da Câmara.

O GLOBO — É complicada a situação no Rio?

MONTENEGRO — Tem um favorito para o segundo turno, o Marcello. Pelas simulações que fazíamos na semana passada dava o Marcello nove pontos na frente, mas o segundo turno é outra eleição. É plebiscitária e o debate passa a ser decisivo.

O GLOBO — O eleitor não relevou a aliança do PSDB com PFL. Não tem formação para fazer esse tipo de análise?

MONTENEGRO — Não tem, mas indiretamente acabou gostando. O eleitor sabe que hoje se não houver entrosamento entre Executivo e Legislativo o Brasil não sai do buraco.

O GLOBO — Baseado no perfil dos eleitos, o senhor acredita que acabou o fisiologismo no Brasil?

MONTENEGRO — (Pausa) Não sei se acabou o fisiologismo, o que com certeza acabou foi a idéia do salvador da pátria. Dentro da estabilidade que o povo busca, as alianças foram bem

feitas. Agora, se o fisiologismo acabou ou não só o tempo vai dizer

O GLOBO — O processo eleitoral ainda é cheio de falhas? As novas regras dificultaram esse processo?

MONTENEGRO — Muita gente clamava por eleições gerais, argumentando que o governante eleito teria o apoio do Congresso. Isto foi desmistificado. O Brasil elegeu hoje um presidente que não tem, nem no partido nem na aliança, maioria. Vai ter que buscar. A legitimidade andou em todos os pontos desta eleição, foi uma prova de amadurecimento do eleitor e a campanha foi disputada em alto nível. O Brasil estava muito bem representado pelos dois primeiros colocados. Quem saiu ganhando foi a democracia.